

Analizando expressões brasileiras (verbetes em P-Q)

Jean Lauand¹

Resumo: O artigo apresenta alguns verbetes que integrarão um futuro “Dicionário filosófico-sociológico de expressões brasileiras”, buscando esclarecer seu uso, datação e sentido.

Palavras Chave: expressões brasileiras. uso, datação e sentido.

Abstract: This article presents some entries (as part of a coming Dictionary) of Brazilian slang and idioms on their datation, meaning and usage.

Keywords: Brazilian slang. Brazilian idioms. datation. meaning.

Introdução – Expressões brasileiras, seu significado e datação

Neste artigo e no outro que integra esta edição, apresento uma amostra do que será um livro, um “Pequeno Dicionário Filosófico e Sociológico de Expressões Brasileiras”, que sucede o recém publicado *Pequeno dicionário de expressões brasileiras* (<https://www.editoraenguaguacu.com.br/product-page>).

Para a elaboração destes verbetes comentados, contamos com a preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, com a vinda da Família Real. Em cada citação (na qual manteremos a grafia da época), indicamos o órgão de imprensa, a data de publicação e a cidade ou Estado da federação do qual ela procede.

Abreviaturas aqui empregadas

BN: Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional.

Delicado – é referência ao livro de Antonio Delicado, *Adagios portuguezes reduzidos a lugares communs*, Lisboa, Officina de Domingos Lopes Rosa, 1651.

Pequeno Dicionário: verbetes do “Pequeno dicionário de expressões brasileiras”, São Paulo: Enguaguacu, 2023.

Rolland, Francisco ed. - *Adagios, Proverbios, Rifãos e Anexins da Lingua Portugueza*, tirados dos melhores authores nacionaes, e recopilados por ordem alphabetica por F.R.I.L.E.L. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1841. Nova edição correcta, e augmentada (a 1ª. edição, da mesma casa e coligida por Rolland, é de 1780).

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br. Autor do recém-lançado: *Pequeno dicionário de expressões brasileiras*. São Paulo: Enguaguacu, 2023.

Pão, pão, queijo, queijo (fôrma árabe em provérbios)

Para evitar confusões e manter as coisas em pratos limpos, desde sempre tem sido muitíssimo empregado o genial provérbio que afirma categoricamente: pão, pão, queijo, queijo; uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa. Surgido desde a pré-história de nossa imprensa, aparece na BN por primeira vez em 1811:

He muito possível, que o Reverendo Orador, não pensasse exactamente como fallou, mas assim se guiasse pelas circumstancias; porém nós que estamos em estado de chamar ao pão pão, e ao queijo queijo, julgamos necessario corrigir aquellas expressoens.
("Correio Braziliense" Londres, julho 1811)

Mas, neste verbete, seja-nos permitido discutir um aspecto formal a propósito do enunciado dos provérbios. Provérbios existem em todas as línguas e em todas as comunidades: como repositório da experiência coletiva de uma determinada sociedade, transmitida oralmente. Mas, no caso do árabe eles são mais significativos: expressam uma tradição milenar e estão profundamente arraigados no povo. E a forma de enunciado do provérbio acompanha, em diversos aspectos, a própria estrutura da língua árabe.

Daí que muitos de nossos provérbios acompanham essa forma de enunciação da língua árabe. Limitemo-nos aqui a um par de aspectos (dentre outros).

1. A ausência do verbo ser. Para o árabe simplesmente não existe o verbo "ser" como verbo de ligação, e ele está muito mais familiarizado com a frase nominal do que o ocidental que, nesses casos, pressupõe implícito o mesmo verbo "ser". Essa função copulativa do verbo "ser" é uma particularidade das línguas indo-europeias a que já estamos tão habituados que não reparamos quanto é dispensável nem temos consciência de que possa inexistir em outras famílias linguísticas.

Nós mesmos podemos prescindir do verbo "ser" em certos contextos, como o dos slogans de publicidade ("SBT, a TV mais feliz do Brasil"); a das mensagens enxutas ("Estoque hoje 500 unidades") ou manchetes de jornal, como aquela antológica, que informava da presença do campeão Piquet em Brasília: "Ás da F1 já no DF". Também assumimos essa "fôrma" em enunciados proverbiais, como "tal pai, tal filho", "casa de ferreiro, espeto de pau", "longe dos olhos, longe do coração", "cada macaco no seu galho", "cada louco com sua mania", "pão, pão; queijo, queijo". E não por acaso é precisamente no campo dos provérbios que o ocidental aproxima-se da estrutura linguística (e da forma de pensamento...!) árabe. A tradição ocidental herdou a consideração de que o verbo "ser" – que o português e o espanhol etc. desdobram em "ser" e "estar" – encontra-se presente (ou pelo menos implícito) em toda sentença e subjaz a toda ação verbal. Por exemplo: "Chove" corresponde a "é/está chovendo".

Assim, a formulação rigorosamente completa ocidental seria: "Tal (como é) o pai, tal (também será) o filho; (Em) casa de ferreiro o espeto (costuma ser) de pau"; (É conveniente para a ordem da selva que) cada (macaco) esteja (em) seu galho Quem estiver longe dos olhos... Cada louco sempre está...

Quando emprega a frase nominal, o ocidental pretende expressar algum tipo de ênfase peculiar, ao passo que o árabe, ao fazê-lo, está simplesmente se exprimindo de modo espontâneo, de acordo com sua postura diante da vida, com seu espírito essencialmente poético. Daí a particular afinidade da língua árabe com a estrutura dos provérbios, como se pode ver nos seguintes tomados como mínima amostra:

*Cão do grande, grande; cão do príncipe, príncipe.
(Kalb al-kabyr kabyr wa kalb al-amyr amyr)*

O sentido é claro: O cão que pertence ao homem grande deve – em atenção a este – ser tratado com a mesma deferência devida a seu dono e, do mesmo modo, o cão do príncipe é, por extensão, príncipe também.

Opressão do gato e não justiça do rato.

Ou seja, é preferível, é mais suportável (se não houvesse outra possibilidade de escolha) a opressão exercida pelo gato no poder do que a justiça do rato. O sentido é claro: o mais decisivo é a retidão moral do poderoso...

2. A imersão no concreto. Há na língua árabe (e nas semitas em geral) um acentuado voltar-se para o concreto.

Naturalmente, trata-se de uma questão de *ênfase*, pois - insisto - este voltar-se para o concreto não é apanágio árabe ou semita. É fenômeno humano, *em alguma medida* presente em todas as línguas.

Um sugestivo exemplo é o provérbio seguinte, em cuja tradução procurei conservar o sabor original árabe de frase nominal:

Pai dele, alho; mãe, cebola. Como pode ele cheirar bem?

Na indefectível e infinita imersão no concreto imaginativo do pensamento oriental, o comportamento é, antes de mais nada, associado ao aroma. O árabe, ainda hoje, diante do filho que lembra os pais, diz: “*Min rihat umuhu*” - ou “*abuhu*” -, do aroma de sua mãe (ou pai) e, há dois mil anos, o apóstolo Paulo (cfr. 2 Cor 2,15) escrevia que os cristãos devem ser “*bonus Christi odor*”. Assim, o provérbio refere-se, de modo concreto, ao papel da família em relação ao comportamento dos filhos, enquanto o ocidental fala em abstrato: “herança de berço”, “má-criação”, “má-educação” etc.

Este gosto pelo concreto potenciará os provérbios árabes, pois a imagem (evocada pelo *mathal*), mais próxima da realidade imediata, sempre tem mais força persuasiva do que a articulação de mediatos conceitos abstratos.

Se todas as línguas trazem em seu léxico inúmeras associações metafóricas, no árabe este fato é muito mais patente. Para o árabe, a extensão de significado é, por assim dizer, “levada mais a sério” do que no Ocidente... É bastante ilustrativo o caso de um provérbio que no Ocidente é expresso em extremos de abstração, ao passo que o árabe, para o mesmo conteúdo, vale-se da forma radicalmente oposta: concreta, figurativa. O ocidental diz:

Quem o feio ama, bonito lhe parece.

Mais abstrato, impossível: “Quem”, “o feio”, “bonito”...

Já a formulação árabe é plástica e palpável:

*Al-qurd b'ayn ummuhu gazal
O macaco, aos olhos de sua mãe (é uma) gazela.*

Para quem é, bacalhau basta

Acredite o jovem leitor ou não, o bacalhau não só já foi muito barato, mas até mesmo o produto emblemático do preço baixo, daí a expressão acima. Pois se a pessoa é de rasa importância, não é necessário oferecer-lhe nenhum requinte, qualquer coisinha serve: bacalhau basta.

Assim, ante as reclamações dos espectadores quanto às péssimas condições dos mitórios de um teatro no começo do século XX, o responsável teria respondido:

– Ora, deixem lá! Para quem é, bacalhau basta.
(“O Rio-Nú”, 22-05-1909)

E é nesse sentido que a imprensa brasileira (e, claro, a portuguesa) usava a expressão desde sua primeira aparição na BN (“Correio do Imperador” RJ, 08-02-1838). Neste nosso século, (e também na medida em que se avança na segunda metade do século 20), porém, o preço tornou-se proibitivo e a expressão, naturalmente, desapareceu ou é lembrada somente como evocação de outros tempos. Já extremamente caro, o “fiel amigo” (como tradicionalmente o chamam os portugueses), já não comparece às nossas mesas e na Semana Santa de 2023 (na qual o preço do bacalhau subiu muito acima da inflação em relação à Páscoa de 2022) obrigou muitos consumidores a optar por peixes “genéricos” que o “imitam”. (Cf. p. ex. <https://www.gazetasp.com.br/colunista/nilson-regalado/bacalhau-esta-86-mais-caru-nesta-pascoa-mas-saboreie-porque-pode/1122621/> Acesso em 27-04-23).

Para esconder das visitas

A saudosa Nina Horta, premiada escritora de gastronomia – que unia seu raro talento culinário a uma sólida cultura a um democrático bom senso e à comunicação simples e divertida em suas colunas jornalísticas –, referia-se, por vezes, a uma comida muito gostosa com a expressão “coisa de esconder das visitas” (<https://globorural.globo.com/Revista/Common/0,,ERT340820-18290,00.html> Acesso em 20-05-23).

Essa prática, inconfessável fora do âmbito de cumplicidade do seio da família, é de séculos e já aparece registrada em Delicado e Rolland, no gaiato provérbio: “Ir-se-ão os hóspedes, comeremos o pato”.

Como prato requintado, o pato (com laranjas ou ao molho pardo) era usado antigamente, por vezes, para celebração de vitórias no futebol. E uma alusão ao antigo ditado aparece na BN (“O Paiz” RJ, 18-06-1911) quando um nobre personagem de folhetim generosamente oferece pato a hóspedes ocasionais.

Parabéns, para-bens

Quando usamos, milhares de vezes, nossa encantadora forma de felicitações, “parabéns!”, talvez nem suspeitemos que ela encerra séculos de acirrada discussão de teólogos. Com ela estamos expressando precisamente isto: que o bem conquistado, que a meta atingida seja usada “para bens” (a aglutinação da preposição “para” com o substantivo “bem” – Houaiss).

Recebemos em nossa herança cultural, do cristianismo medieval, a tese ortodoxa – em constante luta contra o dualismo maniqueísta – de que o mal não tem existência própria, por si: ele é antes uma distorção do bem. E essa visão metafísica incorporou-se a nosso modo coloquial de dar “parabéns”. Pois, como todo mundo sabe, qualquer bem obtido pode ser usado “para bens” ou “para males”, pode contribuir para a auto-realização ou para a auto-destruição.

Pensemos nos casos de um amigo que ganha a medalha de ouro em tiro ao alvo, ou se elege deputado, ou tira a carta de motorista, ou obtém o diploma de advogado... É evidente que essas conquistas – em si boas – podem também ser para males (com o tiro, com um modo agressivo de dirigir o automóvel etc.). Por isso também, o dom fundamental da vida, é celebrado nos aniversários com votos de parabéns...

Já a fórmula castelhana: *Enhorabuena!*, literalmente “em boa hora”. *Enhorabuena* indica que um determinado caminho (os anos de estudo que desembocaram numa formatura, o árduo trabalho de montar uma empresa que se inaugura etc.) chega, nesta hora, em que se dão as felicitações, a seu termo: esta é que é a hora boa, *enhorabuena!* Precisamente o fato de ser a hora da conclusão é que a torna uma boa hora. A sabedoria dos antigos fala da “hora de cada um”, de horas boas e más. Mas a hora boa, a hora melhor é a da conclusão, a da consumação, a do bom termo do caminho, a hora do fim, que é melhor do que a do começo: “*Melior est finis quam principium*” (Ecl. 7,8), diz a própria Sabedoria divina.

Por sua vez, a formulação inglesa, também presente no alemão e em outras línguas, *congratulations*, expressa a alegria compartilhada pelo bem do outro, com quem nos congratulamos, isto é, nos co-alegramos. Essa comunhão na alegria é sugerida também pela forma depoente dos verbos latinos *gratulor* e *congratulor*. A forma depoente está a indicar que a ação descrita no verbo não é ativa nem passiva: mas uma ação que, exercida pelo sujeito, repercute nele mesmo. Ou seja, no caso, que a alegria que externamos ao felicitar tal pessoa é também, a título próprio, muito nossa.

O árabe *mabruk* lembra o caráter de bênção daquele dom pelo qual felicitamos alguém.

O italiano, *auguri*, *auguri tanti!*, anuncia (ou enseja) que este bem celebrado é só prenúncio, prefiguração, augúrio de outros ainda maiores que estão por vir.

Pena que as originais não são boas... – novas versões deturpadas de expressões na fraseologia

Há algumas décadas havia um bordão muito batido nos meios acadêmicos, naquele tempo em que as teses eram julgadas com rigor. O examinador em sua arguição aparentava elogiar o candidato: “Sua tese contém coisas boas e originais...”, para depois fulminá-lo: “...pena que as originais não são boas e as boas não são originais”.

Essa ferina tirada é muito antiga na BN e, como é de esperar, era muito esgrimida nos acalorados debates no Paelamento. Aparece por primeira vez no “Jornal do Commercio” (25-06-1867), em discussão no Senado sobre a Guerra do Paraguai e o Barão de São Lourenço a usa na forma da época (“novas” em vez de “originais”). Na década seguinte, das nove vezes em que é citada, a sentença é seis vezes atribuída a Leibniz (e ao logo do tempo a autoria será conferida também a diversos outros candidatos: Voltaire, Lessing, Adam Smith etc.).

“Pena que as originais não são boas”. Infelizmente é o que se pode dizer de muitos estudos fraseológicos, terreno que se têm revelado especialmente fértil para “originalidades” completamente descabidas e disparatadas, uma enxurrada de *fake news* que, ao serem aceitas acriticamente, contribuem para a desmoralização de nosso campo que deveria se pautar pelo rigor crítico e não pela ligeireza que o tem assolado.

Lamentavelmente, em muitos casos tem prevalecido uma autocomplacência, um deleitar-se com uma tirada que o autor considera extremamente genial e, ofuscado pela sua “descoberta”, ele se dá por dispensado de aplicar os mais elementares crivos do espírito científico. Junte-se a isto a sensação de impunidade, a ideia de que o público sempre engole uma boa e engenhosa *fake news* (algumas, desmentidas mil vezes, continuam sendo propaladas como se fossem verdadeiras). E o pior é a segurança e certeza com que propalam essas tolices, por vezes, valendo-se da autoridade do status acadêmico que ocupam. Ao público leigo só resta render-se deslumbrado ante às “evidências” que, na verdade, não passam de tolices. solenemente proclamadas...

Como todo mundo sabe, têm se repetido á exaustão, por exemplo, uma série de reinterpretações deturpadas de provérbios, originais (e até engenhosas), mas que poucos sabem que são tristemente falsas. Uma descoberta importante nesta nossa pesquisa foi a de localizar na BN sua verdadeira plataforma de lançamento. As mais famosas dessas “iluminadas” reinterpretações têm mais de quinze anos e foram registradas pelo “Jornal do Commercio” (RJ) em 20-08-2006. Aí apareceu na BN a primeira lista dos famigerados “originais de provérbios vítimas de deturpação”, elaborada pela “pesquisadora” Regina Ivete Lopes (a seguir, um pouco resumidamente):

Cor de burro quando foge.

O fato? O quadrúpede mantém a cor mesmo quando pula a cerca. Na origem, o dito revelava esperteza. Dava asas às pernas: *Corro de burro quando foge.*

Quem tem boca vai a Roma.

Por que o privilégio? Quem pergunta vai a Roma, Paris, Londres, Rio, Recife. Sem a deturpação, dá-se a César o que é de César. Eis a forma:

Quem tem boca vaia Roma.

É a cara do pai escarrado e cuspido.

Deselegante, não? Tadinho do pai. Tadinho do filho. Melhor devolver o requinte do provérbio. O dito nasceu assim: *É a cara do pai em carrara esculpido.*

(...)

Quem não tem cão caça com gato.

Xi, faltou um o. Sem ele, a comparação bateu asas e voou: *Quem não tem cão caça como gato.* Lógico, não? Sem cão, o caçador se vira como gato. Gato caça solitário.

Não contribui para o prestígio dos sérios estudos fraseológicos, quatro anos depois, em 22 de agosto de 2010, dia do folclore, o Prof. Dr. Mario Sergio Cortella quando foi ao “Domingão do Faustão” (Faustão desvanecido com as “descobertas”) explicar para milhões de espectadores, essas “suas” falsas reinterpretações dos ditados: “Até aí morreu o Neves / Será o Benedito? / Ter bicho carpinteiro / Cuspido e escarrado / Quem tem boca vai a Roma / Cor de burro quando foge / Quem não tem cão caça com gato”, entre outros. Repetindo e

ampliando os erros da lista acima. O vídeo desse momento infeliz do filósofo encontra-se, entre outros endereços do youtube (com mais de 200.000 visualizações) em <https://www.youtube.com/watch?v=ITf5O7VHjnw>. (acesso em 10-05-2023)

Os provérbios estão corretos na afirmação tradicional como procurei desmascarar com detalhes em meu artigo: “Minidicionário de Gírias e Expressões Brasileiras...”, disponível em <http://www.hottopos.com/isle36/jeandic.pdf>. (acesso em 10-05-2023).

Cor (ou corro?) de burro quando foge

Aqui, a título de amostra, recolho considerações que fiz em artigo recente sobre o engano do “corro”: “‘Cor de burro quando foge’ e ‘Até aí morreu o Neves’ – nota sobre duas fraudes em origens de expressões populares” (<http://www.hottopos.com/rih57/29-32Jean.pdf> acesso em 10-05-2023).

Mário Sérgio Cortella pontificou no citado “Domingão do Faustão”:

A frase certa mesmo, na origem é “corro de burro quando foge”. Corro, ou seja, burro que foge é perigoso, aí eu corro de burro quando foge. Não pode ser “cor de burro quando foge”? É uma frase meio solta e a gente vai incorporando no dia a dia e a gente acaba dizendo isso, mas a frase certa é: “corro de burro quando foge”.

<https://www.youtube.com/watch?v=ITf5O7VHjnw> (acesso em 22-6-2022)

Em defesa da expressão original, quero considerar primeiramente, que a expressão (sempre com “cor”) tem já seus 200 anos – a primeira ocorrência na BN dá-se em 1823 (“Correio do Rio de Janeiro”, 29-9-1823) e a tal da expressão com “corro” só surge na BN em 1963!

Para dar aparência de credibilidade à sua versão, os fraseologistas inovadores repetem – sem o mínimo de decoro científico – que “corro de burro...” teria sido registrada “no começo do século XX pelo gramático Antônio de Castro Lopes” mas nenhuma das 115 páginas de internet que afirmam isso (em busca feita no Google em 10-05-2023) nos informa o texto exato, nem sequer o nome do livro em que teria aparecido tal afirmação!

Em segundo lugar, a confusão na mente desses “iluminados” deve-se a pensar que se deve considerar o “quando” (em “quando foge”) como indicador de tempo: o burro que, em sua fuga, sai correndo em disparada. Mas o “quando” tem outras funções, como a de estabelecer uma condição, por exemplo: “A solidão é pior, quando é a dois” (se for vivenciada a dois). Assim, parece-me que o “burro quando foge” indica simplesmente a condição de “burro fugido” (cor de burro, se fugido). Aliás, na BN, no século XIX, encontramos a formulação variante: “cor de burro fugido” – por exemplo em: “Revista Commercial” (Santos, 22-09-1864) ou “Revista da Sociedade Phenix Litteraria” (RJ, julho 1878).

Como fica então o sentido da expressão “cor de burro quando foge”, entendida como “burro fugido”?

Para minha tese de livre-docência, defendida na FEUSP em 1995 (e publicada em livro: “Provérbios e Educação Moral” São Paulo: Hottopos, 1997), pesquisei milhares de provérbios da milenar tradição árabe. Um dos mais agudos, vem ao encontro de nosso tema: “Se te perguntarem: ‘Viste um asno cinza?’, responde: ‘Nem cinza, nem preto, nem branco. Não vi asno nenhum!’”

Esse provérbio recomenda prudência: para o garoto que, na escola, vai de sala em sala, perguntando se alguém viu a bolinha que ele perdeu no recreio, qualquer pelota com que ele se depare corre o risco de ser “reconhecida” por ele como a sua...

Se roubam seu carro, você informa à polícia a placa, o modelo e a cor; se você está aflito buscando seu burro desaparecido, a única informação é sobre a cor do animal... Mas, qual é **exatamente** a cor do burro fugido? Se eu responder que não vi um burro cinza, mas sim um pardo ou meio marrom, você pode reivindicar esse burro – qualquer que ele seja – como sendo o seu: afinal não há como definir a cor (menos ainda numa época na qual nem fotografia havia) entre os cinquenta tons de cinza e cores adjacentes! Era impossível definir a cor do burro fugido... Daí o provérbio árabe aconselhar uma negativa categórica e sem margem alguma para discussão.

Intepretações do Dr. Deonísio (“morreu o Neves” & Cia.)

Até aí morreu o Neves

O renomado fraseologista Prof. Dr. Deonísio da Silva também comete suas derrapadas de interpretação e encarreguei-me de as desmascarar, no citado artigo (<http://www.hottopos.com/isle36/jeandic.pdf>). Entre outras, as seguintes: “Até aí morreu o Neves / Mas será o Benedito? / Larápio / Fazer uma vaquinha / a corda chamada Teresa”

Uma das mais espantosas é sua explicação de “Até aí morreu o Neves”, cuja crítica recolho, a seguir, do outro já citado artigo que publiquei (<http://www.hottopos.com/rih57/29-32Jean.pdf>). ,

O caso da falsa origem dessa expressão é incrível: uma versão assumidamente *fake*, que se repete como se fosse verdadeira, foi tomada do, **intencionalmente debochado**, livro “Mas será o Benedito?” de Mário Prata, que, no Prólogo, informa o leitor que suas “explicações” são intencionalmente invencionices fantasiosas e **não** verdadeiras. Eis a advertência de Prata em seu livro:

Explicação mais do que necessária

[...] resolvi escrever este livro, dando as minhas “versões”. Apenas seis são reais e explicadas por Câmara Cascudo. Nestas, dou a fonte.

Você vai encontrar aqui a origem de 419 provérbios, expressões ou ditos populares brasileiros [...] **Invenção pura. Não leve a sério.** [grifo nosso] Mas divirta-se!

(<https://marioprata.net/literatura-2/livros-adultos/mas-sera-o-benedito/explicacao-mais-do-que-necessaria/>. Acesso em 22-06-22)

Mesmo com esse claro aviso, estudiosos (como também o já citado Cortella) e o famoso etimologista Deonísio da Silva, repetem a lenda pratiana do Neves com absoluta seriedade, como se proviesse de fonte científica.

Deonísio, em seu programa radiofônico “Sem papas na língua” de 07-05-2015 (em <https://www.youtube.com/watch?v=2JXfS6-8XzI>, 6:55 m e ss. Acesso em 10-05-23) ecoa, como se fosse verdadeira, a delirante historietta de Mário Prata:

O Neves era um assessor do Padre Feijó (...) e ele foi assassinado, quando, a mando do Pe. Feijó, que era regente do Império, foi apaziguar um conflito. E isso provocou um grande auê aqui no Rio, quando conversavam, mas a conversa foi ficando tão repetitiva que

quando alguém contava uma coisa o outro dizia: “ – Tá, tá eu sei, morreu o Neves” e virou uma expressão: “Até aí morreu o Neves’, agora conta outra”.

Para um pesquisador cuidadoso, bastaria uma consulta à BN, para verificar que a expressão “morreu o Neves” é muito antiga e **anterior** à Regência de Feijó e a seu inexistente assessor Neves. Feijó foi empossado em 12-10-1835, mas três anos antes, em 9-8-1832, em “O Olindense”, um leitor se queixa em uma carta que não quer lições sobre o que já conhece, pois até aí “morreo o Neves”...

Para os interessados, no artigo mencionado apresento minha conjectura para a origem plausível da curiosa expressão.

Deonísio e sua etimologia “científica” de “Larápio”

Mais um exemplo. Em vídeo do “Programa 08 – Olá Curiosos 2020 – O Juiz que inspirou a palavra larápí”, encontramos o lide:

O pretor romano Lucius Antonius Rufus Appius tinha fama de corrupto. Vendia suas sentenças para quem pagasse mais. Ele assinava como "L.A.R. Apius", que passou a designar ladrões e gatunos. Essa é uma das palavras explicadas pelo professor e etimologista Deonísio da Silva no livro "Mil e uma palavras de Direito", lançado pela Editora Almedina.

Já há décadas Deonísio insiste há décadas nessa inverossímil explicação, que agora ele oferece especialmente a juristas no livro apresentado no referido vídeo (<https://www.youtube.com/watch?v=CeXndoU0U9U> acesso em 10-05-23). Nele (minuto 1:04), o autor diz:

A palavra larápí. Larápí designou originalmente o primeiro juiz ladrão e essa palavra nasceu do nome dele, Lucius Antonius Rufus Appius. Ele abreviava seu nome com as iniciais L. A. R. Appius e então ficava larapius. Passou ao português, larápí, sinônimo de juiz ladrão. Depois passou a designar qualquer ladrão: até ladrão de galinha; não tem toga mas é ladrão também.

Em tempos de internet, uma ideia simples e eficaz para desmontar essa farsa é a de verificar como esse tal (inexistente e inventado?) juiz romano “Lucius Antonius Rufus Appius” tem zero incidências em buscas no Google (27-03-2023) em inglês, italiano, francês etc. e cerca de 4000 em português! Isso suscita algumas questões: por que não consta qualquer referência ao pretor Larappius em nenhuma outra língua? Por que só em finais do século XIX (Houaiss) a palavra surge em português? Por que quem se apresenta como autoridade acadêmica dá afirmativas tão categóricas sem nenhuma referência sobre de onde as tirou? Por que quem as propaga suprime seu próprio espírito crítico e se dispensa de verificar sua autenticidade?

Este verbete ficou um tanto longo, mas pareceu-me necessário como um alerta de denúncia para contribuir com a restauração da seriedade da fraseologia, hoje tão desmoralizada.

Perdido por um, perdido por dez

Há muitíssimos provérbios que permanecem em sua formulação inalterada (ao menos, no essencial) por séculos. É, por exemplo, o caso de: “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, “Cada ovelha com sua parrelha”, “Cão que ladra, não morde”, “A mentira tem perna curta” e tantos outros, já coletados por Delicado, em 1651.

Em outros casos, só a mensagem do provérbio permanece, mas revestida de formas novas. Foi o que se deu com o nosso “Perdido por um...”. Durante muito tempo, desde sua primeira aparição na BN em 30 de outubro de 1841, no “Museo Universal” (RJ), o provérbio, muito usado, era: “Preso por mil, preso por mil e quinhentos”. E assim permaneceu por todo o século 19.

Claro que naquela época, a comparação com a prisão era a mais adequada, pois para os esportes de massas da época – como o turfe ou as regatas – não estava presente no imaginário coletivo o “tudo ou nada” a ser arriscado em um lance, como o do goleiro que, no final do jogo, com escanteio a favor de seu time, vai para a área do adversário tentar reverter o resultado desfavorável, pois perdido por um, perdido por dez.

Essa nova formulação – tão ligada às emoções do futebol – surge na BN em “O Imparcial” (RJ) em 20 de março de 1923, e veio para ficar: hoje impera absoluta.

Perdoe-me

Para a análise da filosofia/teologia do perdão, valemo-nos de Tomás de Aquino.

“*Perdonare*” é uma forma latina tardia que não se encontra em Tomás. A palavra correspondente e usual, por ele empregada, é *parcere*. No entanto, encontramos em S. Tomás as razões filosóficas que justificam a grandiosa etimologia das formas modernas: “perdoar”, “perdão”, “perdonar”, “pardon”, “pardonner” etc.

O prefixo *per* acumula os sentidos de “por” (“através de”) e de plenitude, grau máximo: como em *perlavar* (lavar completamente) *perfulgente* (brilhantíssimo), *perfeito*, *per-manganato* etc. E, assim, o perdão aparece como o superlativo da doação. O mesmo se dá com as formas inglesa e alemã: *for-give*, *vor-geben*.

Como o Aquinate pensa o tema do perdão e como o relaciona com o máximo da doação? Há aí influências bíblicas e litúrgicas. Na liturgia, Tomás impressiona-se com a oração, por ele frequentemente citada, da missa do X domingo depois de Pentecostes (e, ainda hoje, preservada no XXVI domingo do tempo comum), que diz: “Deus qui omnipotentiam tuam parcendo maxime manifestas” (“Deus, que manifestais vossa onipotência, principalmente perdoando...”). E afirma que o perdão de Deus é poder superior ao de criar os céus e a terra (II-II, 113, 9, sc).

Por outro lado, ele lê na tradução latina da epístola aos efésios: “sede benignos e ‘doai-vos’ uns aos outros, tal como Deus, em Cristo, vos ‘doou’” (Ef 4,32)². E em II Cor 2:10 “A quem vós ‘doeis’ eu também ‘dôo’ e o que eu ‘doei’ etc.”³. Tomás não

². “Estote autem invicem benigni misericordes donantes invicem sicut et Deus in Christo donavit nobis”.

³. “Cui autem aliquid donatis et ego nam et ego quod donavi si quid donavi propter vos in persona Christi”.

tem dúvidas: o doar, por excelência, não é doar dinheiro ou tempo ou qualquer outra coisa, mas sim perdoar⁴.

E conclui, com sua habitual sobriedade, com sugestivos *id est*: “*Donate, id est parcite*” (*Super II ad Cor.* cp 12, lc 4) e “*Donantes, id est parcentes*” (*Super ad coloss.* cp 3 lc 3). Ou seja, “Doai, isto é, perdoai”.

Pêsames

“Carregava uma tristeza...”, diz o antigo samba de Paulinho da Viola: a tristeza é – evidentemente – um peso, os famosos pesares...! E para carregar o peso da dor, da tristeza, nada melhor – ensina Santo Tomás – do que a ajuda dos amigos: “porque a tristeza é como um fardo pesado que se torna mais leve para carregar, quando compartilhado por muitos: daí que a presença dos amigos seja tão apreciada nos momentos de dor”⁵, sobretudo nas anunciadas pelas “notas de pesar”.

Compreende-se, assim, imediatamente, que a expressão de condolências (“doer-se com”) seja pêsames, literalmente: pesa-me (“eu te ajudo a carregar o peso dessa tua tristeza”).

Picuinhas

A linguagem viva do povo é muito mais dinâmica do que os impassíveis dicionários: nela, uma palavra adquire uma acepção nova (ou perde uma das antigas) e isso pode demorar a ser registrado pelo pai dos burros.

Os três sentidos que o Aurélio dá a picuinha (equivalentes aos do Houaiss) são: “1. O primeiro pio das aves. 2. Dito ou alusão picante; remoque, piada, picueta, picuetada. 3. Provocação, pirraça”. Destes, somente o terceiro é usado realmente na linguagem que o povo fala hoje. Quanto aos dois primeiros ninguém diz: “Acordei com as picuinhas dos sabiás” ou que o trocadilho “*Hembra-tur*” (*hembra* é fêmea em espanhol) foi uma picuinha, picuetada contra o apelo sexual da época, para promoção do nosso turismo”.

Por outro lado, não figura nesses dicionários a acepção – atualmente muito frequente – de minúcia, minudência, detalhe sem importância, como em: “Parece picuinha (...), parece bobagem, mas não é” (“Correio Brasiliense”, 17-06-2010). Ou picuinhas, que associamos ao perfeccionismo (ou até para denominar o perfeccionista), como aquele pai que se preocupa com o filho e se lamenta no “Magazine Notícias” (07-09-2021):

É perfeccionista, picuinhas. “Os trabalhos faz a 110%. Às vezes grava peças de teatro e é capaz de filmar dezenas de vezes até ficar perfeito. Ou desenhar o mesmo vezes sem conta”, salienta o pai, que só tem pena que o filho, de tão focado, esteja a perder o melhor da adolescência.

⁴. Estote autem invicem benigni misericordes donantes invicem sicut et Deus in Christo donavit nobis. “Doar aqui é usado no sentido de perdoar” *Super II ad Cor.* cp 12, lc 4.

⁵. “Quod tristitia est sicut onus grave quod quanto plures transsumunt fit levius ad portandum et sic presentia amici delectabilis” (*Tabula libri Ethicorum*, cpt).

(<https://www.noticiasmagazine.pt/2021/o-mundo-admiravel-e-complexo-dos-jovens-sobredotados/historias/265950/> Acesso em 06-05-2023)

Trata-se de um caso a mais da possível defasagem dos dicionários, como vimos também no verbete “encafifado”.

Pilates e Paletas – o que fica e o que passa

Palavras novas, como “paleta” (no sentido mexicano de picolé) e “pilates”, designam novas modas e tendências. Há modas efêmeras, que mal têm tempo de se consolidar na imprensa, e, por outro lado, há tendências que se afirmam solidamente e mostram que vieram para ficar.

Em sugestivo artigo, “Seriam os bancos digitais as novas paletas mexicanas?”, Fábio Silva estuda os modismos, que hoje têm seu tipo puro naqueles picolés, que já foram breve febre avassaladora e hoje estão praticamente desaparecidos:

Anualmente vemos diversas tendências ganhando força e depois desaparecendo, desde produtos gastronômicos até músicas e objetos de luxo, como foi o caso do frozen yogurt, cupcakes personalizados, “Call me maybe” e o atual copo Stanley, responsável por diversos memes nas redes sociais. Acredito que o mais marcante possa ter sido o surgimento — e desaparecimento — das paletas mexicanas. De acordo com um levantamento feito pela Rizzo Franchise em 2016, a cada 10 paleterias franqueadas, seis fecharam as portas e quatro tentaram sobreviver, mudando completamente a oferta do produto.

É o típico comportamento do brasileiro apegado ao tradicional, que gosta de experimentar novidades, especialmente se fazem sucesso no exterior, e depois voltam para os produtos que já estavam presentes no cotidiano.

(<https://finsiders.com.br/2022/11/28/seriam-os-bancos-digitais-as-novas-paletas-mexicanas/> Acesso em 01-05-2023)

Bem diferente foi o que aconteceu com o conhecido método de exercícios desenvolvido nos anos 20 do século passado por Joseph Pilates, que acabou por conquistar definitivamente o Brasil. Sua primeira aparição na BN é uma mera menção *en passant* do título de uma atividade em um congresso de dança (“A Tribuna” SP, 11-06-1992) e nos anos 90, as referências a Pilates na BN mal chegam a uma dúzia. No decênio seguinte, porém, dispararam para quase 2000, em diversos estados do país; nos anos 2010, são 970 incidências só no Correio Braziliense; 850 no “A Tribuna” (SP) etc.

Cada novo produto é uma pequena semente, que, de início, não nos deixa prever se se transformará em arbusto efêmero ou em árvore duradoura. E assim, de Pilates e Paletas, vai vivendo o mercado...

(os de) Plantão

Para além do plantão em sentido estrito, prestado pelos bombeiros, sentinelas, médicos, farmácias, etc., na década de 80 popularizou-se a expressão “de plantão” estendida para um uso em sentido mais amplo e figurado, que transcende o caso tradicional dos profissionais que prestam serviços que não podem ficar descontinuados, como os acima indicados. Trata-se de um “plantão” voluntário, entendido como uma missão ideológica de estar sempre atento para uma vigilância autoimposta, como a exercida por militantes sempre prontos a denunciar qualquer opinião ou posição que considerem contrária à sua causa: os reacionários (/libertários), torcedores, “censores”, fundamentalistas, moralistas de plantão etc. Ou também espécimes que adoram aparecer e estão disponíveis a rodo na sociedade, aguardando apenas a oportunidade de se manifestar, como os pessimistas, palpiteiros, fofoqueiros, chatos, intrometidos ou babacas de plantão.

Os dois grupos liderados, é claro, pelos “críticos de plantão”.

Na BN, embora o célebre semanário “O Pasquim” já praticasse incipientemente essa gíria nos anos 70, seu uso generalizado parece se dar a partir da década de 80.

(ela é) Poetisa ou poeta?

Os usos e vigências da linguagem vão mudando e mesmo quebrando “regras” gramaticais. Embora os dicionários tradicionais mantenham a distinção de gênero poeta / poetisa, no falar do povo e na imprensa as coisas não são tão estáticas.

Os números falam por si: a busca na BN por “poetisa Cecília Meireles” nos anos 1950-1959 dá 239 incidências contra apenas insignificantes 3 de “poeta Cecília Meireles”. As mesmas buscas para os anos 90 dão 25 a 13 e, finalmente, nos anos 2010-2019, poeta supera poetisa, por 4 a 3.

Do mesmo modo, desde o início do milênio vem se consolidando o uso da palavra “musicista”, sobretudo pela óbvia razão de poder indicar, sem sombra de ambiguidade, também o feminino de “músico”, evitando o abstruso: “Chiquinha Gonzaga foi uma grande música”.

Quem sabe, sabe

A que sabe? Essa pergunta, ininteligível para um jovem brasileiro de hoje, é totalmente normal em Portugal e na Espanha (como o era no Brasil de antigamente), onde o verbo saber preserva seu sentido original de “ter gosto de”, “ter sabor”. Assim, como resposta à pergunta da anfitriã, que me oferece um copo de refresco de fruta vermelha, eu posso responder: “– Sabe a morango (ou cereja, framboesa, groselha...), minha senhora”. E quando Ricky Martin, na canção “Besos de Fuego” diz, do beijo que recebe “sabe a margarita, sabe a caramelo, sabe a la gloria”, está afirmando que têm gosto de tequila-cointreau-limão, balinha e céu.

A conhecida marchinha do carnaval de 1956 ainda meio que alude ao saber-saborear: “Quem sabe, sabe ... como é gostoso gostar de alguém”.

É uma pena que tenhamos perdido esse tão sugestivo significado de saber-sabor, pois na verdade o “saber-conhecer” é etimologicamente o mesmo e único

sapere latino do sentir por meio do gosto. Para além do conhecimento, digamos, “da instrução, do estudo”, os antigos (como Tomás de Aquino) falavam de um saber *per connaturalitatem*, uma sintonia com a verdade, a bondade e a beleza, um saber da vida, do experimentar-saborear, a sensibilidade que até um analfabeto pode ter e, por vezes, em maior grau do que o doutor que sabe muito, mas não tem sabedoria... Pois é claro que o saber de instrução pode vir acompanhado de embotamento para a vida, de uma visão toldada pelo egoísmo, inveja, oportunismo etc. Pode-se ser um expoente de conhecimento e totalmente tosco e ignorante do saber viver.

Assim, a expressão “quem sabe, sabe” pode ser lida também como: só quem saboreia a realidade humana (o amor, a beleza, a gratidão, a solidariedade, a justiça, a misericórdia etc.) pode ter a verdadeira sabedoria, que realmente sabe..., experimenta o sabor.

Quinta Série

Pela pesquisa datada do Google, verificamos que é em meados da década de 10 que surge o uso da expressão “quinta série” para indicar imaturidade, infantilidade, tolices ou criancices em geral. A expressão logo ganhou o gosto popular e é muito frequentemente usada na crítica a atitudes políticas ridículas, a piadas de humor descabido etc.

O uso tornou-se tão popular que chegou ao ponto de um grupo dos próprios estudantes da 5ª. série, indignados, protestarem contra a estigmatização da “categoria”. E enviaram ao deputado Guilherme Boulos (PSOL-SP) – que havia chamado o colega Nikolas Ferreira (PL-MG) de “moleque de quinta série”, após seu histriônico discurso transfóbico no Dia Internacional da Mulher (de 2023) – a seguinte nota:

Nós alunos da quinta série de todo o Brasil, nos sentimos extremamente ofendido por termos sido comparados a um deputado com mais que o dobro da nossa idade, fazendo uma coisa que a gente jamais faria, a gente não é preconceituoso, transfóbico, misógino e também não misturamos Jesus com revolver. Nós brincamos porque temos 12 anos de idade e não tem maldade, isso que está acontecendo não é brincadeira, é coisa de gente ruim. Repudiamos toda atitude discriminatória e opressora e repudiamos essa insistência em comparar grosserias de adultos com a nossa categoria.

(cf. <https://www.esmaelmorais.com.br/alunos-da-5a-serie-rejeitam-comparacao-com-deputado-bolsonarista-e-suas-atitudes-leia-a-nota-de-repudio/>)

Boulos respondeu em seu Twitter: “Minhas sinceras desculpas aos alunos da 5ª série”.

Em tempo: A gíria consolidou-se de tal forma, que já a estão aperfeiçoando, com complementos: quinta série B, quinta série de professora substituta, quinta série fraca etc.

Recebido para publicação em 22-05-23; aceito em 16-06-23